

## I

No remoto ano de 1860, era apropriado nascer-se em casa. Presentemente, pelo que ouço dizer, os altos deuses da medicina decretaram que os primeiros choros de uma criança deverão ser libertados para o ar anestésico de um hospital, de preferência de um que esteja em voga. Assim, os jovens Sr. e Sra. Button estavam cinquenta anos à frente das tendências quando decidiram, num dia do verão de 1860, que o seu primeiro bebé deveria nascer num hospital. Nunca se saberá se este anacronismo teve alguma relação com a história espantosa que estou prestes a relatar.

Irei contar-lhes o que ocorreu e deixá-los julgar por vós mesmos.

Os Roger Buttons detinham uma posição invejável tanto a nível social como financeiro na Baltimore pré-guerra. Relacionavam-se com Esta Família e Aquela Família, o que, como era do conhecimento de qualquer sulista, lhes concedia o direito a fazerem parte dos seus numerosos iguais que povoavam a Confederação. Esta era a sua primeira experiência do fascinante e antigo hábito de ter bebés — era natural que o Sr. Button estivesse nervoso. Esperava que fosse um rapaz para o poder enviar para a Universidade de Yale, no Connecticut, instituição na qual o próprio Sr. Button fora conhecido durante quatro anos pela alcunha de certa forma óbvia de «Punho de camisa».

Na manhã de setembro consagrada ao enorme evento, acordou nervosamente às seis horas, vestiu-se, ajustou uma gravata alta de modo impecável e seguiu apressado pelas ruas de Baltimore em direção ao hospital, para apurar se a escuridão da noite trouxera uma nova vida no seu seio.

Quando se encontrava a cerca de noventa metros do Maryland Private Hospital for Ladies and Gentlemen, avistou o Dr. Keene, o médico da família, a descer os degraus da frente, esfregando as

mãos uma na outra num movimento que simulava estar a lavá-las — tal como é exigido a todos os médicos pelas regras de ética não redigidas da profissão.

O Sr. Roger Button, presidente da Roger Button & Co., Comércio Grossista de Ferragens, começou a correr na direção do Dr. Keene com muito menos dignidade do que seria expectável de um cavalheiro sulista desse período pitoresco.

— Dr. Keene! — chamou. — Ó Dr. Keene!

O médico ouviu-o, deu meia-volta e ficou à espera, com uma expressão curiosa a invadir-lhe o rosto severo e medicinal, à medida que o Sr. Button se ia aproximando.

— O que aconteceu? — perguntou o Sr. Button, quando se abeirou numa precipitação ofegante. — O que foi? Como é que ela está? É um rapaz? Quem é? O quê...

— Diga alguma coisa com sentido! — replicou o Dr. Keene de modo brusco. Parecia ligeiramente irritado.

— O bebé já nasceu? — O tom do Sr. Button era de súplica.

O Dr. Keene franziu a testa.

— Bom, sim, suponho que sim... De certa forma.  
— E lançou um novo olhar curioso ao Sr. Button.  
— A minha mulher está bem?  
— Está.  
— É menino ou menina?  
— Ora esta! — gritou o Dr. Keene num autêntico acesso de irritação. — Terei de lhe pedir que vá ver pelos seus olhos. Que absurdo! — disparou a última palavra quase como se fosse uma única sílaba, depois virou-lhe as costas, murmurando: «Porventura pensará que um caso como este irá contribuir para a minha reputação profissional? Mais um destes e destruir-me-ia. Aliás, destruiria qualquer pessoa.»

— Qual é o problema? — perguntou o Sr. Button, chocado. — São trigêmeos?

— Não, não são trigêmeos! — respondeu o médico num tom incisivo. — E digo-lhe mais, pode ir ver pelos seus próprios olhos. E arranje outro médico. Eu trouxe-o ao mundo, meu jovem, e sou médico da sua família há quarenta anos, mas para mim acabou. Não o quero voltar a ver nunca mais, nem a nenhum dos outros membros da sua família. Adeus!

Voltou-se de repente e, sem pronunciar mais uma palavra que fosse, subiu para o seu faetonte, que o

aguardava junto ao passeio, e afastou-se de modo brusco.

O Sr. Button deixou-se ficar ali imóvel no passeio, estupefacto e a tremer da cabeça aos pés. Que terrível revés teria ocorrido? Subitamente, perdera toda a vontade de entrar no Maryland Private Hospital for Ladies and Gentlemen — foi com a maior das dificuldades que, um momento mais tarde, se forçou a subir os degraus e a transpor a porta principal.

Havia uma enfermeira sentada atrás de uma secretária, na obscuridade opaca do átrio. Engolindo a sua vergonha, o Sr. Button aproximou-se dela.

— Bom dia — saudou ela, erguendo os olhos para ele com uma expressão agradável.

— Bom dia. Sou... Sou o Sr. Button.

Ao ouvir aquelas palavras, um ar de pavor absoluto espalhou-se pelas feições da rapariga. Pôs-se de pé e pareceu pronta a voar para fora do átrio, apenas se contendo, obviamente, com grande dificuldade.

— Quero ver o meu filho — disse o Sr. Button.

A enfermeira soltou um pequeno grito.

— Oh... Claro! — gritou histericamente. — Está no andar de cima. Mesmo no andar de cima. Vá... *até lá acima!*